

SÉRIE ANTROPOLOGIA

282

**ESTILOS DE ETNOLOGIA INDÍGENA NO
BRASIL E NO CANADÁ**

Stephen Grant Baines

**Brasília
2000**

Estilos de Etnologia Indígena no Brasil e no Canadá

Stephen G. Baines¹

O trabalho examina algumas questões que surgiram a partir de um levantamento de pesquisa de cinco semanas de duração no Canadá (1995), com antropólogos que realizam pesquisas junto a sociedades indígenas neste país. Meu projeto de pesquisa atual examina a etnologia indígena na Austrália e no Canadá, tomando a etnologia indígena que se faz no Brasil como pano de fundo, país onde realizei o doutorado em Antropologia (1981-1988) e onde estou trabalhando como docente e pesquisador. O trabalho se encaixa dentro da linha de pesquisa sobre "Estilos de Antropologia" iniciada por Roberto Cardoso de Oliveira, em que a dimensão comparativa da investigação passou a ser efetivada através do estudo do que se decidiu chamar de "antropologias periféricas" (Cardoso de Oliveira, 1988:143-159). Cardoso de Oliveira usa este termo para se referir àquelas antropologias situadas na periferia de centros metropolitanos da disciplina (nos centros científicos e acadêmicos onde a antropologia foi gerada e se consolidou como disciplina acadêmica - a Inglaterra, a França e os Estados Unidos da América). Como frisa Cardoso de Oliveira, "A justificação maior de um enfoque estilístico sobre as antropologias periféricas está no fato de que a disciplina nos países não metropolitanos não perde seu caráter de universalidade". O meu objetivo, diferente da proposta de Cardoso de Oliveira que abrange toda a Antropologia como disciplina acadêmica, é um estudo comparativo somente da etnologia indígena que se faz no Canadá, vista a partir da minha experiência no Brasil.

Tanto o Canadá como o Brasil são "novas nações" (Cardoso de Oliveira, 1988:143-159), ex-colônias de países europeus, apesar de suas histórias serem obviamente muito diferentes. Todavia, no Canadá, como no Brasil, a investigação sobre o Outro é conduzida na forma de estudos a respeito de populações nativas (ainda que nos três países não o seja exclusivamente) sobre cujos territórios as nações se expandiram. O Canadá, diferente do Brasil, era colonizado por "países de centro" da antropologia - a Inglaterra e a França. Porém, malgrado tais diferenças, registra-se um grande dinamismo e desenvolvimento nas etnologias indígenas, sobretudo a partir do final da década de '60, com forte ênfase nos temas de etnicidade, política indigenista, e sistemas ideológicos, entre outros (Silverman 1991:391).

O trabalho parte dos pressupostos teóricos de Roberto Cardoso de Oliveira (1988, 1995a) e Mariza Peirano (1991) sobre estilos de Antropologia, e as reflexões de Alcida Ramos (1990, 1998) sobre a etnologia indígena no Brasil, observando como fatores de nação e etnia influenciam os estilos de etnologia indígena que se realizam em cada país ou região, inclusive as relações estabelecidas pelos etnólogos com as sociedades indígenas junto às quais realizam pesquisas.

Roberto Cardoso de Oliveira propõe fazer uma etnografia da antropologia, afirmando "a inviabilidade de desassociar a aplicação da antropologia (...) das

¹ Professor adjunto 4, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília; pesquisador 1c do CNPq. Uma versão deste trabalho foi aceita para o Simpósio "Relaciones interétnicas, racismo y desafíos multiculturales para el siglo XXI em las Américas", no 50 Congresso Internacional de Americanistas, em Warsóvia, em 11 de julho de 2000. Agradeço aos coordenadores do Simpósio: Carlos Eduardo Zanolli, Carlos Vladimir Zambrano e Belen Lorente Molina.

condições socioculturais, inclusive políticas, que propiciaram seu surgimento enquanto disciplina" (1988:149). Acrescenta que "tal conhecimento ocorre num meio ideologizado, do qual nem o antropólogo, nem a disciplina logram escapar. (...) torna-se importante distinguir tipos de sociedades em cujo interior a disciplina se instala" (Ibid.). Cardoso de Oliveira distingue, além do "tipo de sociedade constituído por países...de profunda tradição ocidental, como as nações mais antigas da Europa...pelo menos dois outros tipos de sociedade onde a antropologia neles implantada se defrontaria com contextos muito peculiares:...as antigas nações asiáticas" e "as 'novas nações'" (1988:148-151).

Peirano, a partir das suas pesquisas sobre a antropologia no Brasil e na Índia, afirma que "dado que o desenvolvimento da antropologia coincidiu e se vinculou à formação das nações-estado europeias, a ideologia de construção nacional (nation-building) é um parâmetro e sintoma importante para a caracterização das ciências sociais onde quer que elas surjam" (1992:237), levando em consideração a predominância ideológica dos estados-nações e a diversidade das representações sociais da nação. Afirma Kapferer, em artigo sobre ideologia nacionalista e antropologia comparativa, que "a subjetividade do antropólogo(a), como a de qualquer outra pessoa, está fundamentada nos mundos históricos e ideológicos em que ele(a) está posicionado(a)" (1989:166)².

Na pesquisa de campo realizada junto com etnólogos estes fatores devem ser tomados em consideração tanto como na pesquisa realizada com quaisquer grupos humanos. Sally Weaver (1984:186) constata que, na Austrália, o preconceito de cor e a noção de "raça" foram critérios básicos usados historicamente para definir a aboriginalidade, os Aborígenes sendo definidos como "Blacks" ("negros"). No Canadá, em contraste, o critério dominante atrás das definições hegemônicas tem sido cultural. Esta diferença se reflete nas formas de política indigenista protecionista que surgiram a partir do século XIX nestes dois países (Baines, 1997:3).

Nos últimos anos, os movimentos indígenas a nível nacional e internacional (Dyck & Waldram, 1993), conduziram a uma mobilização política dos índios, criando um contexto cada vez mais politizado. Os antropólogos que realizam pesquisas junto a sociedades indígenas são cada vez mais obrigados a negociar suas condições de pesquisa com os membros da sociedade pesquisada, que exigem seu direito de ter voz e definir os objetivos em pesquisas colaborativas. Na situação politizada de pesquisas etnológicas junto com povos indígenas, vários antropólogos entrevistados ressaltaram que suas pesquisas eram orientadas em primeiro lugar para as necessidades definidas pelos povos nativos, e que, nos últimos anos, há uma tendência para uma antropologia mais aplicada, relacionada a problemas específicos enfrentados pelos povos como reivindicações territoriais. Apontaram para o fato de que, a partir da década de 1970, houve menos pesquisas de campo de longa duração que no passado, e mais pesquisas de campo realizadas em etapas de curta duração, porém estendendo-se por um período maior diacronicamente. Ao trabalhar com o discurso de antropólogos, é importante lembrar, como afirma Carneiro da Cunha, que "a etnicidade não seria uma categoria analítica, mas uma categoria 'nativa', isto é, usada por agentes sociais para os quais ela é relevante, e creio ter sido um equívoco reificá-la" (1987:107).

As representações que os antropólogos fazem acerca de si mesmos, e que se refletem nos seus trabalhos, surgem em diversas formas, revelando perspectivas a partir de estados-nações imperialistas, no caso dos países de centro (ver Stocking Jr., 1982:172). Essa maneira de se pensar surge, também, entre antropólogos em nações de

² As traduções livres são minhas em todo o trabalho.

colonização europeia que pensavam seus países como extensões dos países de centro, o que pode ser postulado para o caso da Austrália na primeira metade deste século (Baines, 1995). Alguns antropólogos se apresentam como membros de estados-nações ex-colônias de países europeus (nos casos do Brasil, da Austrália e do Canadá atuais), como membros de nações minoritárias que reivindicam independência do Estado (muitos dos quebequenses francófonos), e como membros de nações autóctones minoritárias dentro de estados-nações, alguns dos quais reivindicam maior autonomia dentro do estado-nação, enquanto outros aspiram à independência³ (alguns antropólogos aborígenes na Austrália e no Canadá).

Ramos, ao refletir sobre o estilo de etnologia indígena que se faz no Brasil, constata que "o enfoque privilegiado da etnologia brasileira em relações interétnicas é (...) relacionado a um interesse social e um contexto histórico específicos. É associado a uma atitude de compromisso político para a defesa dos direitos dos povos pesquisados" (1990:453). Ao tentar caracterizar o ethos etnológico brasileiro, Ramos cita Mariza Peirano (1981), que relaciona "o estilo particular de antropologia que se pratica no Brasil às raízes do movimento modernista da década de 1920 e ao esforço para construir uma nação brasileira. A responsabilidade dos intelectuais era de construir uma identidade nacional baseada no que era 'nativo'" (Ramos, 1990:455). Ramos enfatiza que, apesar do seu "sabor próprio", a antropologia que se faz no Brasil é de nível internacional: "Falamos a língua franca da teoria antropológica, mantendo o nosso sotaque forte e distinto" (1990:456).

A influência desmedida dos EUA sobre a antropologia que se faz no Canadá tem sido apontada por Marilyn Silverman (1991), entre outros (ver Baines, 1996) no que ela chama de encontro colonial na academia canadense, que se tornou evidente num processo de seleção através de concurso público para professor assistente, do qual ela participou. Assim, ela descreve a situação em que a "metáfora central era 'canadense [incompetente] versus americano [competente]'" (1991:388) e como os candidatos canadenses no processo de seleção foram imediatamente descartados, pois os membros da banca iniciaram seu discurso "com a premissa do colonizado: que canadense é inferior. Nosso objetivo é de contratar alguém que demonstra excelência acadêmica. Por definição, tal candidato não poderia ser um de nós, inferiores. De onde deve vir tal candidato? É claro, de nossos superiores, do outro colonizador, dos Estados Unidos" (1991:391). Nesse artigo, Silverman, para reforçar seu argumento, acentua a questão do pensamento colonizado de alguns dos seus colegas, mostrando como ela mesma se encontrava concordando com este pensamento, tão arraigado que é na academia canadense. Entretanto, ela conclui que "Certamente não é por acaso que os antropólogos canadenses, na periferia de um império, interessam-se pela trajetória político-econômica do poder e da exploração nas suas diversas formas" (1991:392).

Krystyna Sieciechowicz, ao examinar o estado de antropologia que se faz no Canadá da perspectiva da Universidade de Toronto, distingue "um número de constantes em nossas pesquisas" com "ênfase em comunidade, estrutura social, história, economia política, poder e ideologia" (1993). Ela comenta também que o "complexo de assuntos indígenas é uma questão moral", e que "a questão indígena no Canadá é uma questão da consciência do próprio país" (Ibid.).

Como ressalta Adam Kuper, falando da perspectiva de um país central da disciplina, os EUA, e representante de uma antropologia internacional e universalista, "Nosso objeto deve ser o confronto dos modelos correntes das ciências sociais com as experiências e modelos dos nossos sujeitos, enquanto insistimos que isso deveria ser um

³ Ver Levin, 1993.

processo recíproco (...). Isso é, inevitavelmente, um projeto cosmopolita, que não pode ser subordinado a qualquer programa político" (1995:551). Foi revelado que tendências para o nativismo, observadas, por exemplo, na obra de alguns antropólogos na Grécia, e expressas na forma de uma postura crítica ao hegemônico, têm sua origem no discurso hegemônico que está de moda na academia americana. Kuper, citando Gefou-Madianou, que critica essas tendências nativistas, observa que "É implícito nas suas obras que os antropólogos nativos gregos têm maior reflexividade e capacidade de 'verdadeiramente' compreender a cultura grega e as categorias indígenas" (Gefou-Madianou 1993:172-3 apud Kuper, 1995:546). Kuper também cita Herzfeld (1986), que se dirige às limitações da tradição nativa grega de antropologia, "mostrando sua subordinação a programas políticos, e sua relação às vezes escamoteada ao discurso antropológico cosmopolita" (Kuper, 1995:547). Kuper compartilha com Herzfeld uma "visão cética de etnografia nativista, com suas implicações nacionalistas - e às vezes até racistas" (Ibid.). Contudo, a crítica de Kuper pode ser vista como uma perspectiva universalista e hegemônica subordinada a orientações imperialistas.

Kuper aponta o perigo de debates a nível local, que podem conduzir a uma "espécie de provincialismo etnográfico", e coloca a pergunta: "Esgota-se a discussão ao cruzar as fronteiras entre as tradições regionais de estudos?" (1995:550). Ao comparar a antropologia que se faz na Índia com aquela que se faz no Brasil, Mariza Peirano assinala que "No nosso caso (do Brasil), entre o alto teor de politização local e o fascínio pelo modismo internacional, o viés paroquial parece surgir, estranhamente, na crença de que fazemos parte de um Ocidente homogêneo, (...) desconhecendo o fato de que, no momento em que se cruzam as fronteiras nacionais, o que era aqui uma discussão teórica se transforma imediatamente em simples etnografia regional" (1992:229-230). M. Estellie Smith observa que "Há muito tempo os quebequenses orgulham-se de um certo 'cosmopolitismo inato' que eles acham estar faltando nas elites anglófonas 'indigestas e antiquadas'" (1984:67), postura que surge freqüentemente nas declarações de alguns antropólogos quebequenses sobre a disciplina no Quebec.

Ramos, referindo-se à antropologia contemporânea brasileira, afirma que "é a questão indígena que é o foco principal de atenção política, mesmo que etnólogos dedicados a estudos indígenas constituam uma minoria na profissão" (1990:456). Acrescenta Ramos:

De todos os objetos concretos da pesquisa antropológica brasileira, as sociedades indígenas são as melhores representantes de 'Alteridade' ... Contudo, os Índios brasileiros são nossos Outros, são parte do nosso país, constituem um ingrediente importante no processo da construção da nossa nação, representam um dos nossos espelhos ideológicos que reflete nossas frustrações, vaidades, ambições, e fantasias de poder. Não os consideramos tão radicalmente exóticos, remotos, ou arcanos, para transformá-los literalmente em 'objetos'. Para nós, nunca se perde sua humanidade, seu predicamento é nossa culpa histórica, seu destino é tanto deles quanto o nosso. ...a questão indígena constitui um campo excepcionalmente privilegiado para o exercício do duplo projeto de trabalho acadêmico e ação política (1990:456-457).

Nas minhas entrevistas com antropólogos no Canadá, por um lado, a maioria dos antropólogos francófonos ressaltou as diferenças entre eles e os antropólogos anglófonos, e o pouco diálogo entre os dois grupos. Alguns antropólogos francófonos se apresentaram como mais cosmopolitas do que a maioria dos anglófonos com uma

cultura mais sintonizada com a vida intelectual de Paris e dos grandes centros acadêmicos do nordeste dos EUA, do que designaram o provincianismo dos antropólogos anglófonos no Canadá. Por outro lado, muitos antropólogos anglófonos ressaltaram que, apesar da barreira lingüística, há bastante diálogo entre antropólogos anglófonos e francófonos, como se isso refletisse o desejo de se unirem numa única nação. Um antropólogo anglófono que trabalha há muitos anos no Quebec assegurou-me que existe um diálogo entre antropólogos anglófonos e francófonos através da CASCA (Canadian Association of Social and Cultural Anthropology), além de haver acadêmicos francófonos que lecionam em departamentos anglófonos e vice versa: "Há muitas pontes para o diálogo. Não vejo isso como um grande problema".

Entretanto, vários antropólogos anglófonos afirmaram que o diálogo e intercâmbio entre antropólogos anglófonos e francófonos não são tão bons como "deveriam ser", acrescentando seu desejo que melhorem. Um antropólogo anglófono expressou seu desejo de que com a Internet as diferenças sejam diminuídas. Quem compartilha da ideologia federalista do Canadá como uma nação bilíngüe (francófono e anglófono - uma ideologia que às vezes desenfatura os povos aborígenes e grandes comunidades de imigrantes) deseja que antropólogos francófonos e anglófonos possam se comunicar como membros da nação canadense. Enquanto aqueles que apóiam a separação do Quebec ressaltaram a precariedade do diálogo entre os anglófonos e francófonos, enfatizando seus laços estreitos com a antropologia nos grandes centros do nordeste dos Estados Unidos e na França mais do que com os antropólogos anglófonos do Canadá, identificados com seus opressores coloniais.

Pode ser que o forte enfoque nas antropologias metropolitanas também contribua para a falta de diálogo entre antropólogos dentro da província. Segundo Azzan Júnior:

Essa certamente é uma das razões pelas quais parece haver tão pouco diálogo entre os antropólogos do/no Quebec. Muitas vezes trabalhando sobre temas semelhantes, senão os mesmos, sobre as mesmas sociedades, ou sociedades vizinhas, ou de características culturais semelhantes, esses antropólogos, separados às vezes por algumas salas, ou por uma viagem de ônibus, preferem citar colegas da França, ou EUA, ou Inglaterra (1995:62).

Após afirmar que no Quebec há pouca platéia para o estudo de índios, um conhecido antropólogo quebequense acrescentou que "da perspectiva da sociedade, a questão é que nós somos os Índios aqui⁴". Ele faz uma analogia entre os índios e os quebequenses francófonos como sendo povos minoritários conquistados pelos britânicos:

O que são os Índios nas Américas? Os primeiros ocupantes da terra. Aqueles que realmente conhecem a natureza, que estão em contato com a terra, a mãe terra, etc. Saiba que em relação aos ingleses é assim que nós nos vemos. Então, os Índios e nós ocupamos o mesmo nicho. Então, quanto à questão de estudar os direitos territoriais dos Índios, nós estamos lutando por nosso direito à terra. (...) Nosso problema com os Índios é a terra. Esta terra é nossa. Nossas terras foram usurpadas pela conquista. Quando se fala na conquista no Quebec, não é quando nós chegamos. É quando os britânicos chegaram. Claro, quando os franceses chegaram, eles não conquistaram nada. Não tinham a força (...) Não tinham um

⁴ A ênfase é do antropólogo entrevistado. Ele estava esboçando uma visão popular, baseado no senso comum, a respeito dos povos aborígenes no Quebec.

exército poderoso, nada parecido. Tal como no Brasil, os Índios aqui não podiam ser conquistados a não ser aldeia por aldeia. (...) Então, não houve uma conquista francesa (...) Nós fomos conquistados pelos britânicos. Então esta é a conquista que é ilegítima. (...) Então, esta é a história do povo minoritário. (...) Pode ser expressa de maneiras diferentes. Pode ser expressa da maneira que nós somos tão próximos aos Índios que somos quase equiparáveis.

Ele descreveu os Índios e os imigrantes como "dois temas extremamente problemáticos na antropologia que se faz no Quebec (...). Dois temas sobre os quais o que os antropólogos têm a dizer não é bem-vindo pela sociedade em geral", o que conduziu os antropólogos contratados para etnologia indígena a desenvolver outros campos de pesquisa. Ele acrescentou que o estudo de Índios no Quebec tem sido bastante limitado por esse motivo, em nítido contraste com a antropologia anglófona: "Há um grande desenvolvimento de etnologia indígena no Canadá anglófono. (...) Há um imenso espaço social para ouvir sobre os Índios". A grande questão, segundo esse entrevistado, é a da terra.

Enquanto a Inglaterra fazia tratados com os povos indígenas na maioria das colônias anglófonas que vieram a ser o Canadá, na colônia de Nouvelle France, ao longo do rio São Lourenço e ao norte dele, a França nunca fez tratados. Até hoje os povos nativos reivindicam essa região como seu território, e nunca houve uma negociação satisfatória com eles.

O mesmo antropólogo francófono realçou que havia mais antropólogos interessados em estudar os Índios no Quebec nos anos de 1970, "Aquela foi uma espécie de idade de ouro de militância (...) quando predominava a idéia de que havia soluções fáceis para quase todos os problemas sociais", e quando o movimento indígena apresentava "um discurso muito radical (...). Esse discurso aproximava-se muito do discurso nacionalista dos quebequenses radicais". Entretanto, com a implantação do projeto hidrelétrico da Baía de James, foram os antropólogos anglófonos da Universidade de McGill que deram o apoio antropológico aos povos nativos, e não os antropólogos francófonos que os haviam apoiado de maneira mais radical nos anos anteriores. Ele acrescentou que "Atualmente, o senso comum no Quebec está se empenhando numa luta contra aqueles que percebe como os nossos opressores, e lavando as mãos dos Índios, que passaram a ser vistos como concorrentes à mesma terra, e aos mesmos recursos básicos".

Seria simplista deixar transparecer, num trabalho tão resumido, que houvesse uma unanimidade de posicionamentos entre os antropólogos entrevistados. Ao contrário, as entrevistas revelaram uma variedade de posicionamentos. Um antropólogo francófono entrevistado comentou que alguns políticos nativos usam para fins políticos o movimento para a independência do Quebec, quando se dirigem a algumas platéias anglófonas, acusando o Quebec de atacar seus direitos fundamentais, e afirmam que "Nós (quebequenses) somos os piores racistas ... que nós somos etnonacionalistas, racistas". Ele acrescentou que "antropólogos são quebequenses, e são emotivos e nacionalistas também", o que conduz a um "confronto de nacionalidades (...) que não ajuda as boas relações entre os quebequenses e os povos indígenas". Uma antropóloga francófona afirmou que muitas das acusações de racismo dirigidas contra os quebequenses fazem parte de um discurso público com fins políticos, e que alguns canadenses anglófonos, inclusive alguns antropólogos e advogados, "parecem contentes em ter representantes nativos que dizem o que eles mesmos não têm coragem de dizer". Outro enfatizou que a questão indígena está sendo usada tanto pelo governo federal

quanto pelo governo da província de Quebec, e que os povos indígenas se aproveitam desta contradição para promover a sua própria causa.

Um antropólogo anglófono elaborou mais sobre essa questão, argumentando que o governo provincial do Quebec,

tem exacerbado muito o antagonismo entre os Índios e os quebequeses francófonos. Uma das conseqüências é que essa exacerbação alcança as relações de antropólogos francófonos, e aqueles que tiveram relações estreitas com os Índios no passado. Por isso, atualmente as relações são tensas. Os canadenses francófonos tendem a ver Índios como partidários do federalismo. E isso cria um ambiente tenso, um ambiente muito difícil e tenso entre antropólogos francófonos e os povos nativos,

sobretudo a partir da crise de Oka de 1990. O então primeiro-ministro da província de Quebec, Robert Bourassa, planejando a construção de um novo projeto hidrelétrico na Baía de James, e receoso de enfrentar oposição por parte dos Cree, determinou uma intervenção da polícia provincial contra um grupo de Mohawk que ocupou terras tradicionais perto de Montreal que estavam sendo usadas para desenvolvimento urbano. O primeiro-ministro, numa tentativa de demonstração de força do governo provincial, acreditava que uma intervenção policial em área indígena também intimidaria os Cree no norte da província. O resultado foi a crise que durou todo o verão, até a intervenção do exército canadense. Nas palavras do mesmo antropólogo anglófono:

A conseqüência disso foi a criação de muita boa vontade romântica com relação aos Índios no Canadá anglófono, pois os Índios são vistos como adversários dos quebequeses francófonos e seus interesses (de independência). O papel político (dos Índios) tem sido muito realçado como conseqüência, e por isso os canadenses anglófonos, em geral, tendem a ser, atualmente, romanticamente bem dispostos com relação aos povos nativos. Embora, como digo, quando se trata de questões locais, eles são tão indispostos a ceder as terras ou os recursos que os Índios estão reivindicando como em qualquer lugar (...). Atualmente, os antropólogos no Quebec têm que enfrentar a questão da sua lealdade à sua própria etnicidade. Como se relaciona isso aos povos nativos, considerando que esses são percebidos pela maioria dos francófonos como adversários, e, por outro lado, essa questão traz muito apoio para os povos nativos em outras regiões.

Segundo Sieciechowicz,

A crise de Oka de 1990 foi a conseqüência direta de anos de negociações sobre terras sem resultado. Os Mohawk de Oka e os Huron de Lorette não eram considerados indígenas do território do Quebec, e assim, da perspectiva da Província estavam lá pela boa vontade da província. Isso não foi a maneira como os grupos indígenas entenderam sua situação. Estavam nessas terras ou porque foram convidados pelos jesuítas, no caso dos Huron, ou haviam sido realocados pelos Sulpicianos, no caso dos Mohawk. Da perspectiva indígena, um convite para se fixar era uma maneira digna de viver numa terra nova. Da perspectiva não-indígena é um argumento fraco para reivindicar um território (1995).

Os antropólogos quebequenses francófonos, que na sua maioria se identificam com o movimento de independência do Quebec, encontram-se numa situação tensa pelo fato de que a maioria dos povos aborígenes do Quebec, muitos dos quais têm o inglês, e não o francês, como segunda língua e vivem numa região incorporada ao Quebec no início deste século⁵, não apóia a separação do Quebec do Canadá, temendo um tratamento pior do que recebe do governo federal canadense (no plebiscito de outubro de 1995, 96,3% dos Cree votou contra a independência do Quebec, *The Globe and Mail*, 26 de outubro de 1995). Ao mesmo tempo que apóiam o respeito aos direitos dos povos indígenas, alguns antropólogos quebequenses não concordam com a divisão do Quebec através da possível perda de vastos territórios por povos indígenas que ameaçam romper com o Quebec no caso da sua separação do governo federal canadense⁶. A viabilidade econômica de um Quebec independente dependeria da venda da energia hidrelétrica para os EUA. Nas palavras de um antropólogo francófono, após afirmar a sua solidariedade com a causa indígena: "Não vamos deixar os Índios tomar o Quebec". A ideologia da construção da nação quebequense, com a qual alguns antropólogos se identificam, como quebequenses, entra em contradição com o seu compromisso com os interesses dos Índios. Segundo Savard, citado por Robert Crépeau, "A legitimidade do nacionalismo quebequense ... seria quimérica se se tornasse um nacionalismo tecnocrático insensível 'ao riso pré-colombiano no Quebec de hoje'" (Crépeau, 1995:147).

Tremblay e Lévesque observam, no seu trabalho a respeito dos estudos quebequenses nas ciências sociais sobre os povos indígenas no norte de 1960 a 1989, que:

Um bom número de eventos marcantes aconteceram nos últimos quatro ou cinco anos sem que os especialistas em questões indígenas e a sociedade quebequense tenham trazido uma contribuição científica notável que poderia esclarecer essas situações ao ponto de reconciliar visões contraditórias e de garantir relações interculturais construtivas. O silêncio dos antropólogos durante a crise de Oka é um exemplo disso (1993:33).

Alguns antropólogos francófonos salientaram que, se eles são vistos como nacionalistas por alguns anglófonos, estes, maioria no poder do governo federal, podem ser vistos como imperialistas, mesmo que não sejam conscientes disso, e seu aparente apoio aos povos indígenas do Quebec só existe em oposição ao movimento de independência quebequense. Um acadêmico anglófono revelou o ambiente anglocêntrico que reinava na academia canadense até a metade do século: "Foi somente a partir dos anos 60 que os intelectuais anglófonos começaram a levar a sério os intelectuais francófonos".

Nas palavras de uma antropóloga anglófona, que realizou pesquisas junto com comunidades aborígenes no Quebec: "É fácil olhar para Quebec e dizer 'É evidente que seus estudos nas ciências sociais são relacionados à nação de Quebec e aos interesses quebequenses'. Porém, eu argumento que este mesmo processo está acontecendo no Canadá, mas, já que nós estamos implicados nele, é muito mais difícil vê-lo com uma perspectiva de fora e realizar uma crítica à nação canadense. Dizem que, 'Não, nós não

⁵ As Atas de Extensão da Fronteira de 1898 e 1919 transferiram o território dos Cree da Baía de James do governo federal à Província de Quebec (Salisbury, 1994:157).

⁶ Feit observa que os Cree da região da Baía de James, "começaram a mobilizar oposição ao projeto de desenvolvimento em maio de 1971, quando o governo do Quebec recusou-se a tomar em consideração seus interesses no planejamento do projeto hidrelétrico e desenvolvimento da região" (1985:31).

somos muito nacionalistas'. Não acredite nisso!". Ela acrescentou que, até então, houve muito pouca análise crítica do nacionalismo canadense.

Um antropólogo francófono argumentou: "As antropologias metropolitanas também são antropologias com preocupações nacionais. Só que a forma é universal (...) uma afirmação de uma nação que se coloca como uma cultura universal". O mesmo antropólogo esclareceu que acha que a maioria dos seus colegas não vê a antropologia que fazem como periférica, mas acredita que está participando de uma antropologia mais global. Outro antropólogo francófono assegurou que, quando a antropologia expandiu-se rapidamente como disciplina acadêmica na década de 1960, "Nós queríamos estudar tudo. A antropologia nunca queria ser periférica. Apostamos numa antropologia central, e construímos nossos departamentos como os dos EUA e fomos estudar na Europa e nos EUA. Queríamos uma antropologia do primeiro mundo". Ele acrescentou que não queriam ser como os mexicanos "que eram ao mesmo tempo antropólogos e reformistas sociais. Nós eramos todos social-democratas, do primeiro mundo, ricos, e antropólogos".

Um antropólogo anglófono entrevistado, defensor de uma antropologia internacional e universalista, talvez se identificando com o ideal hegemônica de igualdade, declarou que ele não vê a situação da antropologia no Canadá como colonial, "porque eu acho que os canadenses nunca se sentiram inferiores aos americanos ou aos britânicos". Ele argumentou que quaisquer tendências nativistas na antropologia que se faz no Canadá foram sobrepujadas pelo fato de que muitos antropólogos canadenses realizam pesquisas no exterior, "então, mesmo lá nós procuramos ser como os antropólogos americanos ou britânicos, procuramos nos comportar da mesma maneira deles".

Nas palavras de Maranda, falando de uma perspectiva quebequense a respeito das pesquisas de antropólogos canadenses no exterior: "os anglófonos colaboram mais com as autoridades políticas governamentais, enquanto os francófonos identificam-se mais com as necessidades das massas" (1983:123-124). Maranda confirma a identificação dos antropólogos anglófonos com uma antropologia internacional, e a própria aspiração deles de seguir os modelos americanos e britânicos:

Os parâmetros descritivos dos anglófonos derivam diretamente da antropologia anglo-saxã 'internacional'... Tanto na 'antropologia de ação', quanto na antropologia ecológica, ou qualquer outra abordagem, nada distingue esses trabalhos daqueles dos americanos, cujo exemplo parecem ansiosos por seguir, a julgar pelo cuidado com que os anglófonos citam os modelos (anglo-saxões) que os influenciaram (1983:125).

Acrescenta Maranda: "Existe uma diferença mais marcada entre os antropólogos britânicos e americanos do que entre canadenses anglófonos e americanos...", enquanto,

os parâmetros descritivos dos antropólogos francófonos do Canadá são diferentes tanto daqueles dos anglo-saxões quanto dos franceses. Quebec nunca foi um poder colonial mas sempre um país colonizado, onde se viu o desenvolvimento de uma etnografia do terceiro mundo por habitantes do terceiro mundo. Tanto os estruturalistas como Rémi Savard, Jean-Claude Muller, Bernard Arcand, Yvan Simonis, Bernard Saladin d'Anglure ou Eric Schwimmer, quanto os marxistas como Yvan Breton, Pierre Beaucage ou Bernard Bernier, ressaltam ... a subordinação dos grupos mais fracos pelos mais fortes ... são os dominados seguindo o retrato de outros povos dominados, enquanto, (no caso dos

antropólogos anglófonos) são os vassallos do dominante seguindo o retrato dos dominados (1983:125).

Ramos propõe que o "viés humanista da antropologia no Brasil, e o envolvimento social recorrente dos seus profissionais, podem ser relacionados a ainda outro fator, isto é o fato do Brasil ter sido um país colonizado durante quatro séculos tanto antes quanto depois da sua independência política de Portugal..." (1990:456). Ramos observa a reação à hegemonia euro-americana no Brasil na forma de uma postura crítica a coisas hegemônicas, "muitas vezes mas nem sempre de inspiração marxista, o que teve o efeito de um afastamento do estilo positivista das ciências sociais norte-americanas e britânicas" (1990:455). Gold & Tremblay (1983:55-56) ressaltam o surgimento de uma perspectiva marxista na antropologia quebequense na década de 1970 junto com a emergência do nacionalismo quebequense, sobretudo em pesquisas sobre comunidades rurais.

Guilherme Ruben chega à conclusão de que, diferente da sua "hipótese inicial de que existiria um alto grau de correlação entre a conflituosa questão da nacionalidade e a teoria da identidade formulada em Quebec no interior da antropologia (...) os dois conjuntos de problemas (a nacionalidade no Quebec e a teoria da identidade na antropologia) são conjuntos essencialmente autônomos" (1995:125). Ruben argumenta que a antropologia quebequense recusa-se a procurar definir suas origens quanto à sua história institucional (1995:133), pois, segundo sua hipótese,

as origens dos modernos programas universitários de pesquisa e ensino de antropologia no Quebec (nas Universidades de Montreal e de Laval) são o resultado de uma relação proibida, e eu diria até incestuosa, entre seus legítimos pais (Tremblay e Dubreuil), criadores (...) dos dois programas institucionais e de outro, socialmente proibido: a antropologia americana. Num contexto nacionalista, francês, católico e rural, como poderia ser aceita a participação de um parceiro inglês, protestante e industrial, como co-genitor dos modernos programas de ensino e pesquisa em antropologia no Quebec contemporâneo? (1995:133-134).

Acrescenta Ruben: "o reconhecimento dos pais fundadores dos modernos programas de antropologia no Quebec implicaria reconhecer a profunda e íntima relação da província com o mundo inglês, o que inviabilizaria o caráter étnico que marca o estilo da disciplina no Quebec" (1995:134).

Roberto Cardoso de Oliveira afirma que "No caso do Canadá francês, no Quebec, já vamos observar um forte processo de etnização da disciplina, gerando, a rigor, duas modalidades de antropologia, uma francófona, outra anglófona, profundamente marcadas por seus horizontes lingüístico-culturais" (1995a:188). Na antropologia anglófona no Canadá, como na antropologia castelhana na Espanha, não há a dimensão de etnicidade presente na antropologia francófona no Canadá e na emergente antropologia catalã na Espanha⁷.

Esses exemplos revelam como uma complexa configuração de lealdades nacionais e imperiais, no qual os antropólogos estão imersos como membros de estados-nações, permeiam as suas perspectivas. Enquanto muitos antropólogos francófonos

⁷ A dimensão da etnicidade presente na antropologia que se faz na Catalunha foi ressaltada por Roberto Cardoso de Oliveira em seu artigo, "Identidade Catalã e ideologia étnica" (1995b).

sentem-se colonizados pelos anglófonos canadenses, a maioria, tanto dos francófonos como dos anglófonos sente-se colonizada pelos americanos.

Nas entrevistas, Rémi Savard, da Universidade de Montreal, conhecido por sua atuação política em questões indígenas e por sua postura explicitamente nacionalista (Azzan Júnior, 1995:100), insistiu em falar para mim sobre etnohistória (embora, sobre a ocupação francesa e britânica do continente em relação aos povos indígenas - ver Savard, 1994). É como se, três meses antes do plebiscito de 1995 sobre a possível separação do Quebec do Canadá, em que os antropólogos quebequenses ficaram numa situação de fogo cruzado entre os nacionalistas quebequenses extremistas e os povos indígenas anti-separatistas, fosse algo demasiado sensível para um francófono falar diretamente para alguém que ele identificou como anglófono sobre questões políticas atuais. No entanto, Bruce Trigger, da Universidade de McGill, conhecido por suas volumosas obras de etnohistória, falando como anglófono para alguém que ele identificou como anglófono, falava muito mais sobre as questões políticas dos povos indígenas do que questões históricas.

Richard Lee comentou seu trabalho (1995), sobre o estado atual da antropologia. Envolvido, ele mesmo, num diálogo internacional na área de estudos de caçadores e coletores, além de ter realizado consultorias para grupos indígenas no Canadá, Lee apresentou uma perspectiva em que os antropólogos canadenses "têm uma visão universal, que eu acho é uma das características da antropologia metropolitana, ela toma o mundo como sua ostra". Ele expressou o desejo que, com o aumento de diálogo entre antropólogos de países diferentes, "desapareça a distinção entre a metrópole e a periferia na antropologia", desejo que caracteriza os antropólogos que se identificam com o ideal de uma antropologia internacional numa época em que levantam-se com cada vez mais força as vozes de antropólogos que pertencem não somente a tradições periféricas aos centros da disciplina, mas também a minorias étnicas objetos de estudo da antropologia, numa situação cada vez mais complexa de globalização econômica e revitalização de ideologias étnicas, locais, regionais, nacionais, nacionalistas e imperialistas.

Como ressalta Sansone (1998), as realidades locais, como a brasileira, podem enriquecer as teorias no campo dos estudos étnicos dentro do contexto de processos de globalização, em que processos de transnacionalização coexistem com processos locais. Porém, Segato, ao refletir sobre a transnacionalização das identidades étnicas e suas lutas, questiona "algumas vozes que celebram o processo de 'globalização' e não o interpretam como uma exacerbação do imperialismo" (1999:162), ao se apegarem "à idéia de que somente graças à internacionalização de idéias modernas de cidadania e direitos humanos se fez possível a emergência de povos antes invisíveis, que hoje reivindicam direitos em nome da sua identidade" (Ibid). Segato propõe que isto é verdadeiro somente em parte, e que "se trata ... de um processo ambíguo e inestável, capaz, por um lado, de afirmar os direitos das minorias porém, também, por outro lado, de homogeneizar as culturas, achatando seus léxicos e valores, de maneira que possam entrar na disputa generalizada por recursos, mas deixando fora do horizonte da política uma reflexão mais profunda sobre a natureza mesma destes recursos, e a pluralidade das suas formas de produção e utilização" (1999:162-163). Proponho que examinemos, à luz destas reflexões, os discursos dos antropólogos sobre os estilos de etnologia que praticam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azzan Júnior, C., 1995, Fragmentos de uma disciplina: A antropologia do Quebec vista e Ciências de dentro. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia Humanas da UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil.
- Baines, S.G., 1995, “Primeiras impressões sobre a etnologia indígena na Austrália”. In: Cardoso de Oliveira, R. & G.R. Ruben (orgs.) *Estilos de Antropologia*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 65-119 pp
- _____ 1996, Primeiras impressões sobre a etnologia indígena no Canadá. *Série Antropologia, 196*, Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- _____ 1997, “Tendências recentes na política indigenista no Brasil, na Austrália e no Canadá”, *Série Antropologia, 224*, Brasília: Departamento de Antropologia, UnB.
- Cardoso de Oliveira, R., 1988, *Sobre o Pensamento Antropológico*. (Biblioteca Tempo Universidade; nº 83). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq.
- _____ 1995^a, “Notas sobre uma estilística da antropologia”. In: Cardoso de Oliveira, R. & G.R. Ruben (orgs.), *Estilos de Antropologia*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 177-190 pp
- _____ 1995b, “Identidade Catalã e ideologia étnica”, *Mana*, 1(1):9-47 pp
- Carneiro da Cunha, M., 1987, “Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível”, In Carneiro da Cunha, M., *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 96-108 pp
- Crépeau, R., 1995, “A antropologia indígena brasileira vista do Quebec”, In: Cardoso de Oliveira, R. & Ruben, G.R., (orgs.) *Estilos de Antropologia*, Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 139-154 pp
- Dyck, N. & Waldram, J.B., 1993, *Anthropology, Public Policy and Native Peoples in Canada*, Montreal & Kingston, London, Buffalo: McGill-Queen’s University Press.
- Feit, H., 1985, “Legitimation and autonomy in James Bay Cree responses to hydro-electric development”, In: Dyck, N., (org.) *Indigenous Peoples and the Nation-State: Fourth World Politics in Canada, Australia and Norway*, St. John's: Institute of Social and Economic Research, Memorial University of Newfoundland, (Social and economic papers; no.14), 27-66 pp

- Gold, G.L. & Tremblay, M., 1983, "Steps toward an anthropology of Quebec 1960-1980", In: Manning, F., (org.) *Consciousness and Inquiry: Ethnology and Canadian Realities*. (National Museum of Man Mercury Series). Ottawa: National Museums of Canada, 47-83 pp
- Kapferer, B., 1989, "Nationalist ideology and a comparative anthropology", *Ethnos*, 54 (3-4), 161- 199 pp
- Kuper, A., 1995, "Culture, identity and the project of a cosmopolitan anthropology". *Man* (N.S.) 29:537-554 pp
- Lee, R., 1995, *Anthropology at the Crossroads: From the age of ethnography to the age of world systems*. University of Toronto, ms.
- Levin, M.D., (org.) 1993, *Ethnicity and Aboriginality: case studies in ethnonationalism*, Toronto, Buffalo, Londres: University of Toronto Press.
- Maranda, P., 1983, "International posture and tradition of Canadian ethnology", In: Manning, F., (org.) *Consciousness and Inquiry: Ethnology and Canadian Realities*. (National Museum of Man Mercury Series), Ottawa: National Museums of Canada, 114-127 pp
- Peirano, M.G.S., 1981, *The Anthropology of Anthropology: The Brazilian Case*. Tese de doutoramento, Harvard University, (Publicada na *Série Antropologia N° 110*, Brasília: DAN, UnB, 1991).
- _____ 1991, "Da lógica à etnografia da ciência", *Anuário Antropológico* 88, Brasília: Editora Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 179-187 pp
- _____ 1992, *Uma Antropologia no Plural: três experiências contemporâneas*, Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Ramos, A.R., 1990, "Ethnology Brazilian Style", *Cultural Anthropology*, vol 5(4):452-457 pp
- _____ 1998, *Indigenism: ethnic politics in Brazil*, Madison: University of Wisconsin Press.
- Ruben, G.R., 1995, "O 'tio materno' e a antropologia quebequense", In: Cardoso de Oliveira, R. & Ruben, G.R., (orgs.) *Estilos de Antropologia*, Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 121-138 pp
- Salisbury, R., 1994 [1986], *A Homeland for the Cree: Regional development in James Bay 1971-1981*. McGill-Queen's University Press.

- Sansone, L., 1998, Negritudes e racismos globais? Uma tentativa de relativizar alguns dos novos paradigmas “universais” no estudo da etnicidade a partir da etnologia brasileira, Comunicação apresentada na mesa XXI da 21ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Vitória, Brasil.
- Savard, R., 1994, “Un projet d'état indien indépendant à la fin du XVIIIe siècle et le traité de Jay”. *Recherches Amérindiennes au Québec*, Vol. XXIV, N° 4:57-69 pp
- Segato, R., 1999, “Identidades políticas/alteridades históricas: una crítica a las certezas del pluralismo global”, *Anuário Antropológico/97*, Rio de Janeiro:Tempo brasileiro, 161-196 pp
- Sieciechowicz, K., 1993, "The State of Canadian Anthropology: the perspective from the University of Toronto", I Meeting Siena-Toronto.
- _____ 1995, Some reflections on First Nations Nationalism in Quebec, University of Toronto, ms.
- Silverman, M., 1991, “Dispatch I. Amongst ‘our selves’: a colonial encounter in Canadian academia”. *Critique of Anthropology*, Vol. 11(4):381-400 pp
- Smith, M.E., 1984, “‘Comments’ on Handler, R., ‘On sociocultural discontinuity: nationalism and cultural objectification in Quebec’”, *Current Anthropology*, Vol. 25, N°.1, 67-69 pp
- Stocking, Jr., G.W., 1982 “Afterword: A view from the center”, *Ethnos*, 47, 172-186 pp
- Tremblay, M. & Lévesque, C., 1993, *Les études québécoises en sciences sociales sur les peuples autochtones du Nord 1960-1989: Conditions socio-historiques de production et profil thématique. Documents de Recherche No. 10*. Quebec: Laboratoire de Recherches Anthropologiques, Département d'anthropologie, Université Laval.
- Weaver, S., 1984, “Struggle of the nation-state to define Aboriginal ethnicity: Canada and Australia”, In: Gold, G.L., (org.), *Minorities and Mother Country Imagery, Social and economic papers 13*. St. John's: Institute of Social and Economic Research, Newfoundland, 182-210 pp

SÉRIE ANTROPOLOGIA
Últimos títulos publicados

273. BUCHILLET, Dominique. Tuberculose, Cultura e Saúde Pública. 2000.
274. TEIXEIRA, Carla Costa. Mentira Ritual e Retórica da Desculpa na Cassação de Sérgio Naya. 2000.
275. CARVALHO, José Jorge de. Um Panorama da Música Afro-Brasileira. Parte 1. Dos Gêneros Tradicionais aos Primórdios do Samba. 2000.
276. CARVALHO, José Jorge de. The Mysticism of Marginal Spirits. 2000.
277. SILVEIRA, Marcos Silva da. *Hari Nama Sankirtana*: Etnografia de um processo ritual. 2000.
278. RIBEIRO, Gustavo Lins. Post-Imperialismo. Para una discusión después del post-colonialismo y del multiculturalismo. 2000.
279. TRAJANO FILHO, Wilson. Outros Rumores de Identidade na Guiné-Bissau. 2000.
280. CARVALHO, José Jorge de. As Tecnologias de Segurança e a Expansão Metonímica da Violência. 2000.
281. RAMOS, Alcida Rita. The Commodification of the Indian. 2000.
282. BAINES, Stephen Grant. Estilos de Etnologia Indígena no Brasil e no Canadá. 2000.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia
Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Brasília
70910-900 – Brasília, DF

Fone: (061) 348-2368
Fone/Fax: (061) 273-3264/307-3006